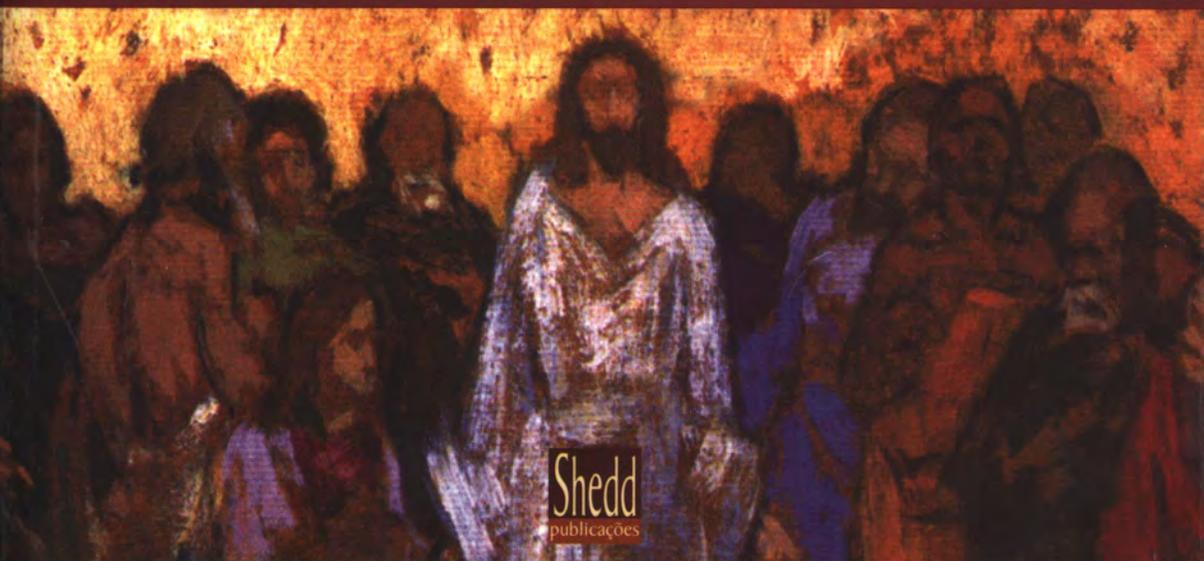


Alister E. McGrath

TEOLOGIA

sistemática, histórica e filosófica

UMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA CRISTÃ



Shedd
publicações

PREFÁCIO

O teólogo Karl Barth apresenta-nos uma visão bastante sofisticada da teologia cristã. A teologia cristã, conforme ele sugere, é como a paisagem das regiões italianas da Toscana e Úmbria: ambas são dotadas de tamanha singularidade e exuberância que nos causam profunda admiração. Até mesmo as perspectivas mais distantes parecem se tornar acessíveis. Barth foi apenas um dos muitos teólogos que expressou seu enorme entusiasmo que o estudo da teologia pode nos proporcionar. Este livro foi escrito com essa mesma convicção, a de que a teologia representa um dos temas mais fascinantes que alguém possa esperar estudar. À medida que o cristianismo entra em uma nova fase de expansão, especialmente na região do Pacífico, o estudo da teologia continuará a ter um papel importante no pensamento contemporâneo. Também continua a ser essencial para todos que estejam interessados em compreender as questões centrais da Reforma na Europa, assim como de vários outros períodos históricos.

No entanto, uma manchete recente de uma importante publicação religiosa americana afirmava que “grande parte do clero e quase a totalidade dos leigos, já desistiu de ler sobre teologia”. Como professor de teologia da Universidade de Oxford por vários anos, tenho profunda consciência do fato de que o entusiasmo é algo raro entre estudantes universitários e seminaristas. A maior parte das vezes, eles se sentem perplexos e perdidos diante do vocabulário teológico quase sempre confuso, dos escritos aparentemente ininteligíveis desta área, tudo isso aliado à aparente irrelevância quanto às questões mais práticas da vida cristã e do ministério. Como alguém que acredita que a teologia cristã está entre os temas mais desafiadores, gratificantes e genuinamente *fascinantes* que se possam estudar, várias vezes tenho me perguntado se algo pode ser feito para reverter a atual situação. Este livro, fruto de duas décadas de ensino teológico para universitários e seminaristas da Universidade de Oxford, procura ser uma resposta a esse problema.

É evidente a necessidade de obras teológicas introdutórias. Infelizmente, muitas das obras já existentes demonstram partir de pressupostos excessivamente otimistas a respeito do que seus leitores já sabem. Isso reflete, em parte, uma grande mudança da religião no contexto da cultura ocidental. Muitos dos que agora querem estudar

teologia cristã são recém convertidos. De forma distinta de seus antepassados, eles herdaram poucos conhecimentos sobre o cristianismo, seu vocabulário específico ou a estrutura do pensamento cristão. Portanto, tudo precisa ser apresentado e explicado. Nesse espírito, este livro parte do pressuposto de que seus leitores são completamente “leigos” em matéria de teologia. Assim, procuramos apresentar todos os assuntos de modo mais claro e didático possível.

Para alguns, pode parecer que o resultado disso foi uma obra que carece de sofisticação e originalidade, qualidades altamente valorizadas em muitos contextos atuais. No entanto, elas não se encaixam em uma obra como esta. Antes, a clareza de expressão e simplicidade das explicações foram as qualidades que sempre tive em mente durante o processo de elaboração desta obra. Embora a originalidade possua seus méritos em outros contextos, em um livro como este torna-se uma desvantagem em potencial, pois a originalidade implica novidade, criatividade e, ao escrever este livro, evitei deliberadamente dar relevância à apresentação de idéias novas que fossem criadas por mim mesmo. Em síntese, considerações de caráter didático foram minha prioridade.

É impossível evitar que este tipo de abordagem apresente uma discussão um tanto superficial e limitada de diversas questões – especialmente questões metodológicas. Se minhas próprias notas pessoais servem de base, seria necessário um volume aproximadamente cinco vezes maior do que este para que fizéssemos o mínimo de justiça às complexidades levantadas por vários temas do livro. No entanto, o que estamos lhe oferecendo é uma mera introdução, um panorama, para que você tenha uma visão geral que lhe permita posteriormente continuar um estudo mais aprofundado dessas questões. Minha própria experiência como professor ensinou-me que é bem mais fácil os alunos entender e apreciar a discussão de temas fundamentais quando o professor se dispõe a lhes explicar o pano de fundo da discussão, as questões envolvidas e a terminologia a elas relacionada. Portanto, parti do pressuposto de que o leitor não conhece outras línguas além da sua; assim, traduzi e expliquei cada termo ou expressão em latim, grego, ou alemão que tenham sido incorporados ao vocabulário teológico.

Este livro não tem caráter prescritivo. Não pretende dizer ao leitor em que deve acreditar, mas busca apenas explicar-lhe aquilo em que se tem acreditado, com o propósito de prepará-lo para fazer sua própria opção, ao lhe apresentar as alternativas existentes, suas raízes históricas, bem como seus pontos fortes e fracos.

Infelizmente, não há espaço para discutir todos os conceitos e movimentos teológicos, ou todos os escritores que se possa esperar encontrar em uma obra como esta. Por diversas vezes, a falta de espaço obrigou-me a omitir questões que muitos leitores acharão que deveriam ter sido incluídas, ou ainda me forçou a apresentar uma explicação muito mais resumida do que gostaria. Só me resta desculpar-me com o leitor por essas deficiências, das quais tenho plena consciência. A seleção dos temas – e a maneira como foram discutidos – baseia-se em minha experiência de sala de aula, em pesquisas feitas com estudantes na Grã Bretanha,

Estados Unidos, Canadá e Austrália, para descobrir seu interesse sobre o que deveria ser incluído neste livro, como também as áreas em que mais tinham dificuldades de compreensão e que precisavam, portanto, de uma explicação mais detalhada. O processo de pesquisa foi ampliado para a segunda edição, quando foram incluídas também aquelas pessoas envolvidas com o ensino da teologia sistemática. Na medida do possível, suas sugestões foram acatadas nesta nova edição. Para a terceira edição, esse processo de pesquisa foi ainda mais longe. Os agradecimentos trazem os nomes de todos os que foram suficientemente generosos em me auxiliar durante todo este processo.

Alister McGrath
Oxford

INSTRUÇÕES PARA O ALUNO: COMO USAR ESTE LIVRO

A teologia cristã é um dos temas de estudo mais fascinantes. Este livro busca tornar este estudo um processo mais simples e gratificante possível. Ele parte do pressuposto de que você não conhece nada de teologia. Logicamente, quanto mais você souber, mais fácil se tornará seu estudo. Quanto tiver terminado a leitura deste livro, terá domínio suficiente para acompanhar a maioria das discussões e dos argumentos teológicos técnicos, participar de palestras com especialistas da área e tirar o máximo proveito das leituras complementares, indicadas ao final de cada capítulo.

Precisamente por ser um livro bastante abrangente, seu conteúdo é bem extenso – consideravelmente maior do que se encontra em muitas das obras deste tipo. Não se apavore com a quantidade de material apresentado no livro: você não precisa saber tudo.

Passei bastante tempo pensando sobre a melhor maneira de organizar todo esse material. O domínio da estrutura do livro – por sinal, bem simples – permite que alunos e professores façam um uso mais eficaz do livro. Portanto, basta saber que o livro é dividido em três grandes partes:

A primeira parte, intitulada “Principais Marcos”, trata da evolução histórica da teologia cristã. Os quatro capítulos apresentados nessa parte fornecem informações históricas que apresentam o leitor a uma série de temas e idéias fundamentais, muitas das quais serão discutidas novamente em outra parte do livro. O princípio que orienta este livro é: “explique tudo novamente, desde o início”. Essa parte é muito importante, pois para entender bem as principais questões teológicas discutidas posteriormente, você precisa saber um pouco de seu contexto histórico.

Você também precisa saber um pouco sobre as fontes e métodos da teologia – trocando em miúdos, de onde vieram os conceitos e idéias do cristianismo. **A segunda parte** do livro trata desses temas e prepara o leitor para entender a **terceira parte** do livro, que traz uma análise das principais questões doutrinárias da teologia cristã. Todo o material está organizado por temas e você provavelmente não encontrará dificuldades para encontrar aquilo que busca.

No entanto, se não quiser, você não precisa ler todos os capítulos do livro, nem precisa seguir a ordem em que eles foram dispostos. Cada capítulo deve ser considerado como uma unidade relativamente autônoma. Por isso, o livro contém uma série de referências cruzadas, que possibilitam ao leitor buscar as informações necessárias para compreender os temas tratados ao longo de cada capítulo. Gostaria de destacar, uma vez mais, que você não deve se intimidar com o tamanho do livro: ele é *grande* porque é *abrangente*, dando-lhe acesso a toda informação que possa ser necessária. Portanto, é uma obra de referência que terá todo o material de que você possa precisar.

Se estiver lendo o livro para aprender teologia sozinho, recomendo que leia os capítulos na ordem em que estão dispostos. Contudo, se estiver utilizando o livro como material de apoio para algum curso que esteja frequentando, pode seguir no livro a ordem em que o material estiver sendo utilizado por seu professor. Se tiver dúvidas, peça orientação ao responsável pelo curso.

Se encontrar termos ou expressões que não conhece, você tem duas alternativas. Primeiro, tente encontrá-lo no glossário, no final do livro. Segundo, tente encontrá-lo no índice, que fornece a você as páginas onde as questões mais relevantes são tratadas.

O livro traz as referências completas das fontes de todas as principais citações apresentadas. A seção “Fontes das Citações” fornecer-lhe-á informações suficientes para encontrar a citação que deseja para que possa estudá-la em seu contexto original. A íntegra de muitas dessas citações estão registradas no volume que acompanha este livro – *The Christian Theology Reader* [*O leitor de teologia cristã*]. Referências cruzadas permitirão que o leitor aprofunde seu estudo, se assim desejar, sem, contudo, deixá-lo em desvantagem, se assim não fizer.

Por fim, tenha certeza de que tudo neste livro – inclusive seu conteúdo e a forma como o material foi apresentado – foi testado por estudantes e leitores na Austrália, Canadá, Estados Unidos e no Reino Unido. A obra procura ser o máximo possível voltada às necessidades de quem a utiliza. No entanto, aceitamos de bom grado sugestões para melhorá-la ainda mais em edições posteriores. A terceira edição já foi bastante aperfeiçoada com a ajuda dessas sugestões. Portanto, estamos abertos a sugestões para as próximas edições.

INSTRUÇÕES PARA O PROFESSOR: COMO USAR ESTE LIVRO

A teologia é uma matéria que deveria entusiasmar os estudantes. No entanto, no dia a dia da sala de aula, tanto alunos quanto professores costumam achar a matéria difícil e, algumas vezes, até mesmo desanimadora. Os alunos sentem-se desencorajados diante da imensa quantidade de conteúdo que têm de dominar, antes de “chegar à parte que realmente lhes interessa”, como, certa vez, disse-me um estudante de Oxford. Por outro lado, os professores, em geral, acham a matéria difícil por duas razões distintas. Primeiro, porque desejam dar início a discussões de conceitos avançados, mas ao fazê-lo, descobrem que os alunos não conseguem apreciar a discussão nem entender os conceitos, pois lhes falta um conhecimento do pano de fundo da discussão. Segundo, porque percebem que não possuem o tempo necessário para ensinar a grande quantidade de vocabulário teológico básico e de conhecimentos fundamentais que os alunos necessitam.

Este livro procura tratar dessas dificuldades, como também busca retirar dos ombros dos professores o fardo, geralmente extenuante e monótono, de ensinar a parte introdutória da teologia. Com ele, pretendemos tornar possível que os alunos adquiram o máximo de informações no mínimo de tempo concebível. Pode ser interessante que o professor leia as instruções dadas aos alunos (vide p. xxv) para ter uma idéia de como o livro pode ser utilizado. No entanto, sob a ótica do professor, podemos destacar as seguintes vantagens:

- 1 O conteúdo deste livro pode ser aprendido sem qualquer informação ou auxílio adicional por parte do professor. Cada uma das explicações trazidas foi testada em sala de aula com estudantes da Austrália, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos e, posteriormente, aperfeiçoada até que os estudantes dissessem que podiam compreender por si mesmos os pontos discutidos, sem precisar de explicações adicionais. Sabemos, por exemplo, que, no Reino Unido, estudantes de dezesseis anos estão lendo este livro e que o consideram interessante e de fácil compreensão. Você deveria incentivar seus alunos a lê-lo como material básico para suas aulas, o que lhe daria a oportunidade de tratar de temas mais avançados e interessantes em sala de aula. Fizemos por você o trabalho mais árduo, permitindo assim que volte a sentir prazer em ensinar.

- 2 Esta é uma obra teologicamente neutra; ela não defende quaisquer posições denominais específicas. Apenas relata as críticas feitas a determinadas posições teológicas, embora ela mesma não faça críticas a ninguém. Não diz aos leitores o que devem pensar, apenas os informa sobre aquilo que tem sido cogitado na área teológica. Pelo fato de ser justa e equilibrada, é uma obra que dá oportunidade ao professor para construir sua própria abordagem ou visão a partir das bases que apresenta. Assim, o livro ajudará seus alunos a *entender* Barth (ou Tomás de Aquino, Agostinho ou Lutero), mas não exigirá que *concordem* com a posição de nenhum deles. Portanto, o livro busca colocar você, professor, na posição de interação com as fontes clássicas da tradição cristã, fundamentado no pressuposto de que seus alunos, por meio da leitura deste livro, tenham adquirido uma boa base sobre os temas discutidos.
- 3 Você poderá gostar de saber que os primeiros quatro capítulos do livro oferecem um panorama histórico da teologia; os próximos quatro capítulos trazem uma visão geral de aspectos filosóficos da teologia e de questões relativas ao método teológico; e os capítulos restantes tratam dos temas principais da teologia sistemática. A obra procura trazer uma seleção justa e representativa das contribuições dos principais teólogos cristãos ao longo de aproximadamente dois mil anos.
- 4 Você notará que o livro traz citações extensas das obras de vários teólogos. Essa é uma questão deliberadamente política. Consideramos importante que os alunos adquiram o hábito de ler os grandes teólogos, em vez de simplesmente ler obras que foram escritas a seu respeito. Assim, este livro procura encorajar os alunos a interagir com os textos originais e os auxilia nesse processo. Se você achar que isso é importante, talvez possa achar interessante utilizar o volume que acompanha esta publicação, *The Christian theology reader [O leitor de teologia cristã]*, agora em sua segunda edição. Esta publicação, portanto, oferece oportunidades valiosas para envolver-se com fontes originais e, ao mesmo tempo, fornece muito mais ajuda nesse processo de envolvimento com os originais do que habitualmente é oferecida.
- 5 Se você está ministrando aulas de teologia sistemática, é extremamente recomendável que seus alunos leiam os *seis* primeiros capítulos antes do início das aulas. Esses capítulos lhes darão o conhecimento necessário para aproveitar mais suas aulas. As perguntas apresentadas ao final de cada capítulo lhe ajudarão a perceber se seus alunos entenderam aquilo que leram ou até mesmo se efetivamente leram o que foi pedido.
- 6 Por ser uma obra introdutória, algumas vezes há itens que são apresentados e explicados mais de uma vez. Isso também é uma opção deliberada que se baseia na observação de que alguns leitores costumam pular capítulos, na pressa de chegar ao ponto que mais lhes interessa – e, normalmente, ao fazê-lo, deixam para trás muitas questões importantes. A melhor maneira de usar

este livro é lendo os capítulos na ordem em que são apresentados. No entanto, o livro é suficientemente flexível para permitir outras formas de uso.

- 7 Recursos didáticos adicionais serão encontrados na Internet. O web site criado para este livro traz bibliografias completas para cada capítulo e links para outros sites disponíveis na Internet. Todas as informações são atualizadas constantemente. Além disso, este site tem sido trabalhado para oferecer também palestras online, como também perguntas e respostas. Pedimos que acesse o site do livro e veja se oferece algo que lhe possa ser útil.
- 8 O autor e o editor empenham-se para assegurar que este livro se mantenha sempre o mais útil e completo possível e, por essa razão, estão abertos a comentários e sugestões, principalmente aqueles derivados de experiências positivas em sala de aula.

PARTE I

PRINCIPAIS MARCOS:

Períodos, Temas e
Personalidades da
Teologia Cristã

1. O período patrístico, c.100 - 451
2. A Idade Média e o renascimento, c. 1050 – c. 1500
3. Os períodos da Reforma e do pós-Reforma, c. 1500 – c. 1750
4. A Idade Moderna, c. 1750 – até os dias atuais

INTRODUÇÃO

Ao refletir-se sobre as grandes questões da teologia cristã logo se percebe que muitas delas já foram tratadas. É quase impossível fazer-se teologia, como se isso nunca tivesse sido feito antes. Há sempre a atitude de se olhar para trás, para ver como as coisas foram feitas no passado e quais as respostas que foram dadas. Parte da noção de “tradição” está na disposição de levar a sério a herança teológica do passado. Karl Barth expressa essa idéia de uma forma contundente à medida que nota, nos debates teológicos do presente, a contínua importância das grandes celebridades teológicas do passado:

Não podemos permanecer na igreja sem assumir tanto a responsabilidade pela teologia do passado, quanto pela teologia do presente. Agostinho, Tomás de Aquino, Martinho Lutero, Schleiermacher e todos os demais não estão mortos, mas vivem. Eles ainda falam e exigem ser ouvidos como vozes vivas, tão certo quanto sabemos que, eles como nós, pertencemos à mesma igreja.

Logo, é de grande importância o leitor se familiarizar com o passado cristão, que fornece pontos de referência vitais para o debate atual.

A parte I desta obra tem por objetivo fornecer uma visão geral do desenvolvimento da teologia cristã, identificando períodos, temas e pessoas de vital importância e que contribuíram para esse processo de evolução. Atenção especial será dada aos progressos ocorridos a partir do Renascimento, pelo fato desses ter tido o maior impacto sobre a moderna teologia ocidental. Entretanto, a avaliação de, ao menos, alguns aspectos do desenvolvimento da teologia, nos períodos patrístico e medieval, representa um material de fundo indispensável ao estudo diligente da teologia moderna. Assim, a presente obra tem como objetivo fazer uma avaliação geral de alguns dos aspectos de maior importância que estão relacionados a essas eras, incluindo os seguintes:

- A localização geográfica dos centros do pensamento cristão;
- As questões teológicas em debate;
- As escolas de pensamento associadas a essas questões teológicas;
- Os principais teólogos de cada período e suas questões específicas.

Os seguintes períodos de formação são considerados nessa breve avaliação do desenvolvimento da teologia cristã:

- O período patrístico, c. 100-451 (capítulo 1);
- A Idade Média e o Renascimento, c. 1050 – c. 1500 (capítulo 2);
- Os períodos da Reforma e do pós-Reforma, c. 1500 – c. 1750 (capítulo 3);
- O período moderno, c. 1750 até os dias atuais (capítulo 4).

Ficará evidente a dificuldade de traçar linhas divisórias nítidas entre muitos desses períodos; por exemplo, as relações entre a Idade Média, o Renascimento e a Reforma são controversas, e alguns acadêmicos entendem que os dois últimos períodos são uma continuação do primeiro, embora outros os vejam como períodos totalmente distintos um do outro. O leitor deve perceber que todas as divisões da história tendem a apresentar um certo grau de arbitrariedade.

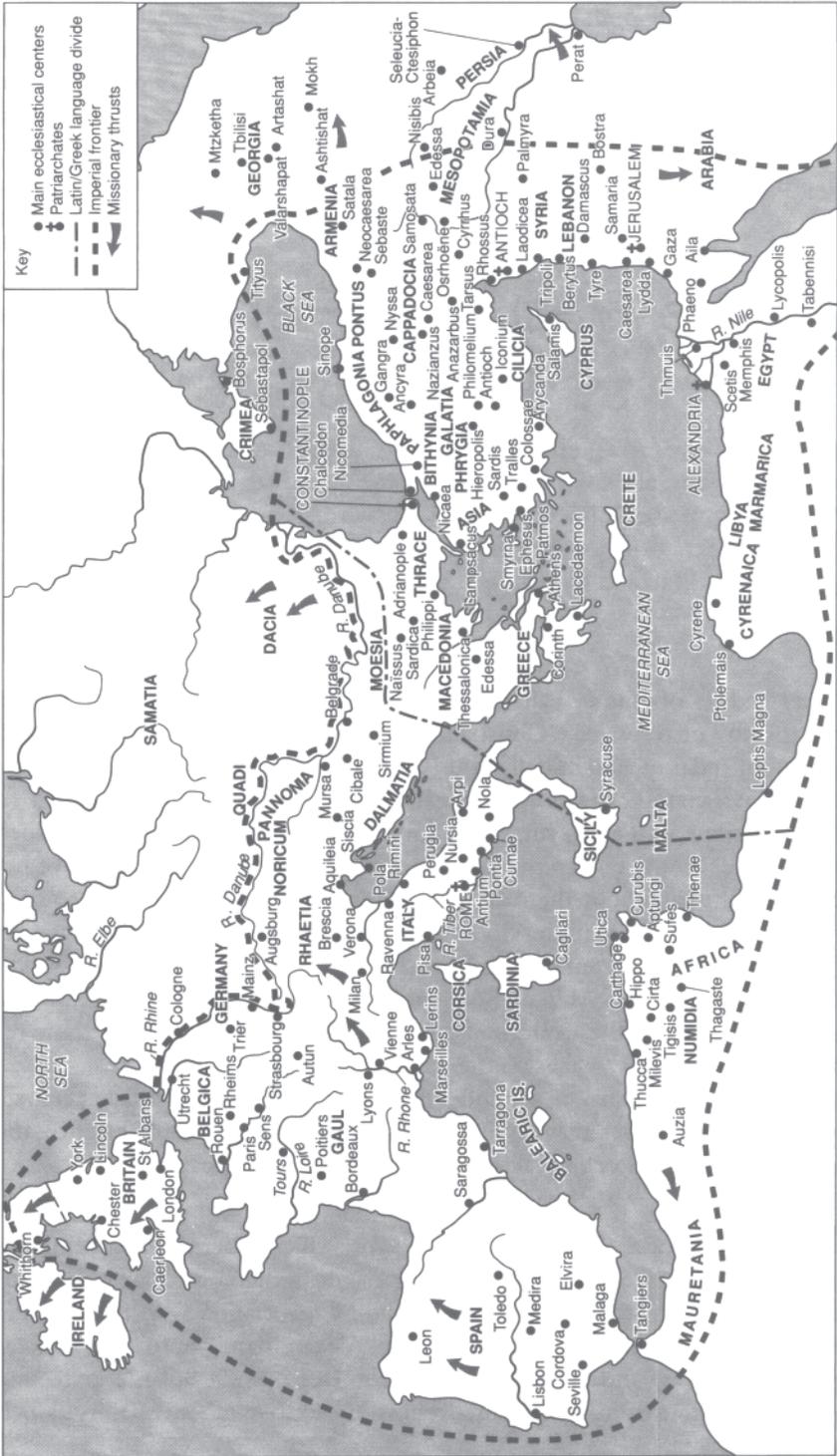
1

O PERÍODO PATRÍSTICO C. 100 – 451

O cristianismo teve suas origens na Palestina mais especificamente na região da Judéia, em particular na cidade de Jerusalém. Esse movimento via a si mesmo como uma continuação e uma evolução do judaísmo e, a princípio, floresceu em regiões às quais o judaísmo estava tradicionalmente associado, sobretudo na Palestina. Entretanto, rapidamente se espalhou para as regiões vizinhas, em parte por meio dos esforços dos primeiros evangelistas cristãos, como Paulo de Tarso. Ao final do século I, o cristianismo parece haver se estabelecido por toda a região banhada pelo Mediterrâneo Oriental e, até mesmo, adquirido uma presença significativa na cidade de Roma, a capital do Império Romano. À medida que a igreja em Roma se tornava cada vez mais poderosa, começaram a surgir tensões entre a liderança cristã em Roma e em Constantinopla, pressagiando o cisma posterior entre as igrejas ocidental e oriental, respectivamente concentradas nesses centros de poder.

Nesse processo de expansão surgiram diversas regiões que se tornaram importantes centros de debate teológico. Três delas podem ser apontadas como detentoras de importância especial, das quais as duas primeiras falavam o grego e a terceira, o latim.

- 1 A cidade de Alexandria, no Egito atual, se destacou como um centro de educação teológica cristã. Um estilo teológico característico veio a ser associado a essa cidade, o qual retrata sua antiga associação com a tradição platônica. O estudante encontrará referências a abordagens “alexandrinas” em áreas como a cristologia e a interpretação bíblica (vide pp. 61; 416-17), o que reflete tanto a importância quanto a peculiaridade do estilo de cristianismo associado a essa região.
- 2 A cidade de Antioquia e a região vizinha da Capadócia, na atual Turquia. Em uma primeira fase, uma forte presença cristã veio a consolidar-se nessa região norte do Mediterrâneo Oriental. Algumas das viagens missionárias de Paulo o levaram até essa região. A Antioquia se destaca de maneira significativa em vários pontos da história da igreja primitiva, conforme registrado em Atos dos Apóstolos. A própria cidade de Antioquia logo se tornou um importante



Mapa 1 O império romano e a igreja, no século 4º (observe que são utilizados os nomes atuais dos lugares e não os antigos)[vide Nota do editor p.19].

centro do pensamento cristão. Como Alexandria, foi associada a abordagens específicas com respeito à cristologia e à interpretação bíblica. O termo “antioqueno” é freqüentemente utilizado para designar esse estilo teológico característico (vide pp. 61; 418-21). Os “pais capadócius” também tiveram uma importante presença nessa região, em termos de teologia, no século IV, especialmente notável por sua contribuição à doutrina da Trindade.

- 3 O norte da África Ocidental, especialmente a área da atual Argélia. Nesse local, ao final do período clássico, ficava Cartago, importante cidade mediterrânea e, em um certo momento, adversária política de Roma, pois ambas disputavam o domínio da região. No período em que o cristianismo se espalhou por essa área, essa cidade era uma colônia romana. Entre os importantes escritores da região estão Tertuliano, Cipriano de Cartago e Agostinho de Hipona.

Isso não significa que outras cidades do Mediterrâneo não tinham importância alguma. Roma, Constantinopla, Milão e Jerusalém também eram centros do pensamento da teologia cristã, ainda que nenhuma delas estivesse destinada a alcançar a mesma importância de suas concorrentes.

Esclarecimento dos termos

O termo “patrístico” vem da palavra latina *pater*, “pai”, e tanto designa o período referente aos pais da igreja quanto as idéias características que se desenvolveram ao longo desse período. O termo é não inclusivo; ainda não havia surgido na literatura algum termo inclusivo que fosse aceitável por todos. Os termos a seguir relacionados são encontrados com freqüência e devem ser registrados.

- *Período patrístico*. Esse termo representa algo definido de forma vaga que freqüentemente é considerado como o período a partir do término dos documentos do Novo Testamento (c. 100) até o decisivo Concílio da Calcedônia (451).
- *Patrístico*. Normalmente, esse termo significa o ramo do estudo teológico que trata do estudo dos “pais” (*patres*) da igreja.
- *Patrologia*. Esse termo já significou literalmente “o estudo dos pais da igreja”, mais ou menos, da mesma forma que “teologia” significava “o estudo de Deus” (*theos*). Entretanto, em anos recentes, a palavra sofreu uma alteração em seu significado. Agora, ela se refere a manuais de literatura patrística, como aquele do célebre acadêmico alemão Johannes Quasten, que fornece a seus leitores fácil acesso às principais idéias dos escritores patrísticos e a alguns dos problemas de interpretação associados a elas.

Uma visão geral do período patrístico

O período patrístico representa um dos mais empolgantes e criativos da história do pensamento cristão. Somente essa característica é suficiente para assegurar que,

ainda por muitos anos, ele continuará a ser tema de estudo. Esse período também é importante por motivos teológicos. Todos os principais ramos da igreja cristã – incluindo as igrejas anglicana, ortodoxa oriental, luterana, reformada e católica romana – consideram o período patrístico como um marco decisivo na evolução da doutrina cristã. Cada uma dessas igrejas se considera como uma continuação, uma extensão e, naquilo que for necessário, uma crítica às visões dos escritores da igreja primitiva. Por exemplo, Lancelot Andrewes (1555-1626), importante escritor anglicano do século XVII, afirmou que o cristianismo ortodoxo baseava-se em dois testamentos, três credos, quatro evangelhos e nos cinco primeiros séculos de história cristã.

O período foi da maior importância para o esclarecimento de uma série de questões. A tarefa fundamental era delimitar a relação existente entre cristianismo e judaísmo. As cartas de Paulo, no Novo Testamento, são uma prova da importância desse ponto no primeiro século da história cristã, à medida que várias questões práticas e doutrinárias passaram a ser consideradas. Os cristãos gentios (isto é, os não judeus) eram obrigados a circuncidar-se? Como o Antigo Testamento deveria ser corretamente interpretado?

No entanto, logo surgiram outras questões. Uma das que tiveram importância especial no século II foi a da *apologética* – a defesa argumentativa e a justificação da fé cristã perante seus críticos. Ao longo do primeiro período de história cristã, a igreja foi freqüentemente perseguida pelo Estado. Sua agenda era sobreviver; havia espaço limitado para debates teológicos, quando a própria existência da igreja cristã não poderia ser considerada um fato consumado. Essa observação nos ajuda a entender, por meio de escritores como Justino Mártir (c. 100 – c. 165), preocupados em explicar e em defender as crenças e práticas do cristianismo a um público pagão hostil, por que a apologética tornou-se uma questão de tamanha importância para a igreja primitiva. Embora esse primeiro período tenha produzido alguns teólogos extraordinários – como Ireneu de Lion (c. 130 — c. 200), no ocidente, e Orígenes (c. 185 – c. 254), no oriente –, o debate teológico só pôde de fato iniciar-se uma vez cessada a perseguição à igreja.

Essas condições se tornaram possíveis ao longo do século IV com a conversão do imperador Constantino. Em 311, o imperador romano, Galerius, ordenou a cessação da perseguição oficial aos cristãos. Essa fora um fracasso e somente havia exacerbado a decisão dos cristãos em resistir à nova imposição da clássica religião pagã dos romanos. Galerius proferiu um edito que permitia aos cristãos levar novamente uma vida normal e “realizar suas assembléias religiosas desde que não perturbassem a ordem pública”. O edito identificava, de forma explícita, o cristianismo como uma religião e lhe oferecia pleno amparo legal. O *status* legal do cristianismo, que havia sido ambíguo até esse momento, fora estabelecido. A igreja não teria mais que lutar por sua sobrevivência.

O cristianismo era agora uma religião legal; era, porém, apenas mais uma religião dentre tantas outras, lutando por influência no mundo romano. A conversão do imperador Constantino ocasionou uma mudança completa na situação do

TEOLOGIA parte do pressuposto de que seus leitores sistemática, histórica e filosófica não têm conhecimento profundo sobre a teologia em geral, assim, pode ser considerado uma excelente introdução à teologia cristã, definida pelo autor como a "tentativa de compreensão dos recursos básicos da fé, feita à luz daquilo que cada época considera como os melhores métodos". E apesar de ser uma introdução, o livro cobre os dois mil anos de debate teológico cristão.

Nele, Alister E. McGrath faz um esboço e explica as principais idéias e debates que influenciaram a teologia, e identifica e explica o trabalho de seus pensadores mais expressivos. Escrevendo de forma clara e objetiva, ele introduz o vocabulário teológico básico, explica seus termos técnicos e traduz um grande número de palavras e expressões que vêm do grego, latim e hebraico. Inclui ainda as matérias filosóficas, históricas e sistemáticas da teologia, além de fornecer uma rica informação a respeito das mais variadas escolas de pensamento para cada tema abordado: um livro ímpar, indispensável e extremamente atual.

Shedd
BIBLIOTECA

